Fórum

Garimpando as origens estruturais do português brasileiro

SCHERRE, M. M. P. & NARO, Anthony J. *Garimpando as origens estruturais do português brasileiro*. Texto da palestra proferida no Congresso internacional – 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil, Universidade de Évora, Évora, Portugal, 8 a 13 de maio de 2000. (enviado em junho de 2000).

Maria Marta Pereira Scherre *(UFRJ e UnB)*

Anthony J. Naro (UFRJ)

1. introdução

Desde o final do século XIX, levanta-se a hipótese de que o português brasileiro não-padrão apresenta traços indicadores de uma história crioula (cf. Coelho, 1967:43-44). Essa hipótese se baseia em uma série de fatos, entre os quais destacam-se:

1. as condições da colonização do Brasil, em que entraram em contato falantes adultos de línguas diversas, sem nenhuma língua em comum, a saber, línguas indígenas, africanas e européias (português, francês, holandês e espanhol);

2. as diferenças estruturais entre o português brasileiro e o português europeu, realçadas pela ampla variação na concordância verbal e nominal, especialmente a de número.

As condições sociais propícias ao surgimento de línguas crioulas e as diferenças estruturais realçadas pela ampla variação parecem irrefutáveis. Todavia, as origens das diferenças estruturais têm suscitado intensa polêmica. Esse é precisamente o foco de nossa discussão. Em particular, voltamos nossa atenção para a identificação, no português europeu não-padrão, de uma série de traços lingüísticos estigmatizados, considerados peculiares ao português brasileiro e associados a processos de crioulização na literatura pertinente. Desta forma, queremos entender se as diferenças entre o português brasileiro (doravante PB) e o português europeu (doravante PE) podem ser atribuídas a um processo de crioulização, em que o PE entrou como língua de base, fornecendo a maior parte dos itens lexicais, e as línguas africanas, ou outras línguas por ventura presentes na população, entraram como línguas de substrato, intervindo na gênese das mudanças lingüísticas estruturais, como pressupõem os defensores da hipótese da crioulização prévia (cf. Silva Neto, 1986; Câmara Jr., 1975; Ferreira, 1994; Jeroslow, 1975; Holm, 1992; Guy, 1989; Baxter & Lucchesi, 1997; Baxter, 1998; Mello, 1997). Nesta exposição, apresentamos fatos que refutam a hipótese da crioulização. Há evidências contundentes (1) da pesquisa sociolingüística laboviana com base em dados do PB falado por amplas comunidades urbanas e rurais espalhadas por todo o território nacional; (2) da pesquisa quantitativa do português arcaico; (3) da pesquisa sociolingüística e dialetológica de comunidades brasileiras isoladas, afros e não-afros; e (4) da pesquisa dialetológica portuguesa européia. Por limitação de espaço, vamos focalizar nossa argumentação na comparação de traços do PB de comunidades isoladas e do PE não-padrão.

2. iniciando a garimpagem

A garimpagem das origens estruturais do PB começa por três estruturas lingüísticas radicais, identificadas na fala de uma comunidade isolada afro-brasileira da vila de Helvécia, município de Mucuri, Zona Fisiográfica do Extremo Sul da Bahia (Ferreira, 1994:21; Baxter & Lucchesi, 1997), e interpretadas como indícios claros de crioulização: ocorrência de sujeito pronominal de primeira pessoa do singular com verbo de terceira pessoa, do tipo *eu foi* (Ferreira, 1994:30); variação na concordância de gênero, do tipo *o meu sobrinha* (Baxter & Lucchesi, 1997:78); e supressão de preposição, do tipo *eu num vô dizê o sinhô que não* (Baxter & Lucchesi, 1997:78). Todavia, como se pode ver no quadro 1, esses três traços são encontrados também no PE moderno não-padrão. Além do mais, a flutuação na concordância de gênero e ausência do nexo preposicional também foram observados por Isensee (1964:49-50) e Callou (1998:264-265) na fala de uma comunidade brasileira isolada não-afro, de "ascendência

Novo acordo ortográfico - Carlos Alberto Faraco

E AGORA, PORTUGAL?-Artigo publicado na revista LÍNGUA PORTUGUESA, fevereiro de 2008 - José Luiz Fiorin (USP)

CHOMSKY NO BRASIL: UMA BREVE NOTA DE LEITURA - Carlos Alberto Faraco (UFPR)

IDENTIDADE LINGÜÍSTICA E EDUCAÇÃO EMANCIPADORA: DEBATES E PROPOSTAS DA LINGÜÍSTICA SOCIAL -Congresso de Etnolingüística. Rosario, Santa Fe, Argentina, maio de 2001 - María Isabel Requejo (Universidad Nacional de Tucumán, Argentina)

Para habitar o mundo é preciso habitar a língua - Dan VAN RAEMDONCK, lingüista, professor da Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica)

Mudança Lingüística - David Crystal

O papel da lingüística no ensino de línguas -Luiz Antônio Marcuschi (UFPE-2000)

VOU ESTAR - NDO Sírio Possenti - IEL/Unicamp

Garimpando as origens estruturais do português brasileiro - SCHERRE, M. M. P. & NARO, Anthony J.

COGNIÇÃO, EXPLICITUDE E AUTONOMIA NO USO DA LÍNGUA - Luiz Antônio Marcuschi / UFPE /

portuguesa pura" (Callou, 1998:262). Em síntese, os dados do quadro 1 mostram semelhanças na linguagem de comunidades brasileiras isoladas afros e não-afros e comunidades portuguesas que falam PE não-padrão, previamente analisadas como traços crioulizantes de origem africana, segundo Ferreira (1994) e Baxter & Lucchesi (1997).

Quadro 1: três traços considerados crioulizantes no dialeto rural de helvécia (os **negritos** e pequenas adaptações nos exemplos são nossos)

Dados de helvécia Dados do português

e de mato grosso europeu não-padrão

(comunidades brasileiras isoladas da Bahia)

[1] 1ª pessoa com forma verbal de 3ª pessoa

"io foi" ou "**io teve**" (Ferreira, 1994:30)

"**Eu** onte **foi** à Malhada"; "**Eu** na quinta-feira **apanhou** 2 kilos de pólves" (Alves, 1993:190)

"eu foi; **eu pôs**; **eu pôde**; **eu teve"** (Mira,1954:114)

"io nõ **sabi**" (Ferreira, 1994:30)

"**ê** [eu] agora na me **recorda**, na me **lembra**" (Marques, 1968:57)

"**Ê** [eu] também já nã me **lembra** (Cruz, 1991:170)

[2] Concordância de gênero

"**cabelo grossa**; é**la** é muito **saído**" (Ferreira, 1994:29)

"**o meu sobrinha**; **umas duas arquerim** de terra"

(Baxter & Lucchesi, 1997:78)

"**as coisa** muito **barato**; **esse** daqui é **a mulher** dele"

(Callou, 1998:265)

"qualquer **uma coisa redondo**; conhece **êsse uma** aqui?"

(Isensee, 1964:50).

"só tem **as raízes enterrado** na carne" (Mira, 1954:150)

"**A cedrêra** é muito **bom** p'ra chás" (Ratinho, 1959:240)

[3] supressão de preposição

"**Gosta mata** virge."

"Meu amigo, eu num vô **dizê o** sinhô que não."

"**Perguntei o** Pedro, ele disse..."
(Baxter & Lucchesi, 1997:78)

"porque eu nunca **gostei nenhuma**"

"mandava carta pra mãe mandando

dizer ela assim"

"não **trabalho garimpo**"

"**viajando** só **o** dia"

(Callou, 1998:270)

"Nunca me **lembrê fazenda**" (Cruz, 1991:177)

"O Senhor Prior **vem** (a) **todos** os interros", (...)

"trazentos scudos, foi (a) como **comprei** (no) **ano passado**". (Marques, 1968:60)

Com relação à oposição entre 1ª e 3ª pessoas verbais, é oportuno mencionar que, em verdade, a língua portuguesa codificada pelas gramáticas normativas – a língua padrão - está repleta de

neutralizações entre primeiras e terceiras pessoas, não consideradas como "falta de concordância". As neutralizações envolvem todos os verbos regulares no pretérito imperfeito (eu *amava*/ele *amava*), no pretérito mais-que-perfeito (eu *amara*/ele *amara*), todo o modo subjuntivo (que eu *ame*/que ele *ame*; que eu *amasse*/que ele *amasse*; quando eu *amar*/quando ele *amar*). Além do mais, em formas do pretérito perfeito de verbos como *trazer*, *caber*, *saber* (eu trouxe/ele trouxe; eu coube/ele coube; eu soube/ele soube), é a existência de formas com oposição que é estigmatizada: *eu truxe*/*ele troxe* (para o PE, cf. Cruz, 1991:125; Mira, 1954:115); *eu sube*/*ele sobe* (para o PE, cf. Mira, 1954:115); *eu cabi*/*ele cobe*. Com relação ao gênero, destacamos que o fundamental para a discussão em pauta é que a flutuação de concordância de gênero (ou a sua indicação) é um fenômeno comum a variedades não-padrão do português, sejam elas brasileiras ou européias, sejam elas de comunidades isoladas afros ou não-afros. Estes dados nos conduzem a novas reflexões. Será que a origem da flutuação da concordância de gênero pode mesmo ser atribuída a processos de crioulização? Será que tal fenômeno revela "reestruturação lingüística"? Com relação à flutuação no uso de preposição, sabe-se que esse fenômeno é geral em toda a língua portuguesa, incluindo o PB padrão (precisa-se empregados vs. precisa-se de empregados), com motivações lingüísticas regulares. O trabalho brasileiro mais recente sobre esse fenômeno evidencia que os mesmos princípios regem tanto a mudança lingüística como a aquisição do português como língua de contato no Alto Xingu (cf. Gomes, 1999:227).

Antes da nossa garimpagem pela concordância de número, listamos no quadro 2 nove características apresentadas na literatura pertinente como específicas do PB e como indícios de história crioula (cf. Guy, 1989; Baxter & Lucchesi 1977; Holm, 1992; Baxter, 1998). Como se pode ver no quadro 2, as nove características encontram-se identificadas no PE não-padrão.

Quadro 2. Outros traços lingüísticos do português europeu não-padrão relevantes para refutar a hipótese da gênese crioula do português brasileiro

1. Uso do pronome do caso reto em função de objeto direto

"As 3.^{as} pessoas (singular e plural) apresentam as formas:

> 1^{o} – *Ele, ela, eles, elas*, a par de: *o, a, os, as*, em frases como: (...) <<Bendi eles há munto ano>>. <<Mollómos *elas* todas>>. (Alves, 1993:180; cf., também, p.189)

2. Uso do pronome oblíquo em função de sujeito:

"O pronome pessoal complemento é usado por vezes como função de sujeito":

<<... dá pra *mim* guardari>>. (Cruz 1991:153)

3. Uso de *se* para outras pessoas

"O pronome se aparece a substituir outros pronomes ou a reforçá-los, na primeira e segunda pessoa, talvez por ser usado com mais frequência: "vou s'imbora" (por "vou-me embora"), "vê ali uma coisa que s'intressa de comprar (por "que lhe interessa comprar"), "na s'intendimos" (por "não nos entendemos"), "confessava-m'ses" (por "confessávam-nos")" (Marques, 1968:56).

4. Alternâncias de preposições, incluindo a preposição *em* no lugar das preposições *a* ou *de*

"Alguns casos de mudança de preposição **com preferência** pelo uso de **in**:

"aquilo chegou *na* (à) últema miséra. (...) "tẽ que cuidar im (de) mim" "se lá fosse in (a) casa ... (...) (Marques 1968:60)

5. Uso do verbo *ter* indicando posse e existência

"O verbo ter é usado por haver em frases como: "aqui no nosso sítio tem muntos rapazes...", "tem muntas cachopas que não prestam". "(Marques, 1968:58)

"tinha muita casa velha." (Marques, 1968:51)

6. Uso não freqüente de futuro e de condicional nas formas morfêmicas

".... A conjugação perifrástica é muito frequentemente empregada no falar de Odeleite. Forma-se:

(...) com ir e o Infinitivo regido ou não da preposição a: (...)

<<Esta cana ago(ra) que vô rachar é prà paredi...>> ...(Cruz 1991:168)

"... O futuro e o condicional simples são evitados quase sempre e substituídos pela forma perifrástica ou pelo presente do indicativo: "amanhã tou ou devo tar in Cascais", "amanhã vamos a Sintra". (Marques, 1968:58)

7. Redução ampla de modos e tempos verbais

"... O modo conjuntivo ouvi-o muito raramente: seja (no presente); dezer (no futuro) <<S’eu dezer isso>>". (Alves, 1993:183)

"... O infinitivo pessoal é empregue pelo conjuntivo presente: <<Os rapazes são uns impostores e uns belhacos; nõ se fiar neles>> (Alves, 1993:190).

8. Uso freqüente de coordenação e justaposição, com pouco uso de subordinação (Mira, 1954:144-145; Delgado 1970:158)

9. Uso freqüente de formas expletivas e outros processos de ênfase (Mira, 1954:165-170; Marques, 1968:52)

3. garimpando a concordância de número variável no português europeu não-padrão

Voltando ao início da pesquisa variacionista no Brasil, nas décadas de 70 e 80, vamos encontrar a hipótese mais difundida de Naro (1981) de que a variação na concordância de número no PB indica um processo lento de mudança lingüística, caminhando em direção a um sistema sem marcas. Naro (1981) localiza as origens desse processo nos ambientes de menor saliência, especialmente nos de menor saliência fônica (*sabe/sabem; vende/vendem*), em que a diferença morfológica da relação singular/plural átona pode ser marcada apenas pela nasalização da desinência vocálica, no caso da concordância verbal. Considera que esse processo se localiza no componente fonológico, tendo em vista que os processos de desnasalização da vogal átona final envolvem também nomes (*garagem/garage*) e constituem uma deriva européia secular. Originariamente de natureza fonológica, Naro (1981:93) afirma que esse processo "mais tarde se generalizou para outros ambientes", isto é, atingiu as oposições morfológicas, as mais salientes, tais como *comeu/comeram*, *é/são*, envolvendo toda a oposição desinencial.
Em verdade, Naro (1981:90-93), que não tinha conhecimento do trabalho de Mira (1954) sobre o português popular de Lisboa, bem como de outros valiosos trabalhos da dialetologia portuguesa hoje consultados, não precisaria ter ido muito longe na história (cf., também, Naro & Scherre, 1993). As palavras de Mira (1954:149) transcritas no item 3.1 do quadro 3 já evidenciam a origem da variação da concordância verbal de número, situando-a no componente fonológico. Vejam outros casos variáveis registrados em 3.2 a 3.6 no quadro 3, .que permitem situá-la também no componente morfológico.

Quadro 3. Concordância variável de número no português europeu não-padrão

3.1 A Linguagem popular (LP) de Lisboa (Mira, 1954:149-150; 114; 117)

A) Componente morfológico

"São **frequentes** (grifos nossos) na LP, as faltas de concordância, consideradas erros do ponto de vista gramatical."

"*os nossos agasalhos **é** estes*"; "*as raízes **enterrado** na carne".*

B) Componente fonológico (p.114)

III – Verbos

(...)

1 – Conjugação simples – **casos isolados**

a. Formas de primeira pessoa do singular do pret. perf. simples em que se não deu a metafonia:

eu foi

eu pôs

eu pôde

eu fêz

eu teve

2 – **Casos gerais** (grifos nossos) (p.117)

(...)

b) - As formas verbais de terceira pessoa do plural (sobretudo dos verbos da 3ª conjugação) terminadas em vogal nasal ẽ desnasalizam-se:

eles oube (m)

eles sacode (m)

3.2 A linguagem dos pescadores de Ericeira, Joana Lopes Alves, Lisboa, 1993:190-191:

"A 3.ª pessoa do singular aparece usada pela 3.ª do plural, em frases como: *<<As quenguerelas só **presta** para pescar>>;* (...) << ... *corre* todos os seus criados...>> (p.190)

É **frequente** o uso de singular pelo plural.

*<<Foi há muito ano>>; <<andê por munto sito>>, <<tenho cinquenta ê um **ano>>**.* (p.191)

3.3 O falar de Odeleite, "uma aldeia do sul do país, (...) do Sotavento do Algarve" (Cruz, 1991:159):

" (...) Se o sujeito é plural e está depois do verbo, este fica **frequentemente** (grifos nossos) no singular:

*<<É um terreno que se caia em volta pra que nã **entre** lá gados ..>>*

*<<... punhom-se pela cabeça, condo **morria** pessoas de família chigada>>*

" (...) Mesmo quando o sujeito é plural e está antes do verbo, verifica-se, **por vezes** (grifos nossos), o emprego deste no singular:

*<< Duas canas **dá** oito mestras>>.*

*<<... pra ver quais **era** qui a **fazia** rir...>>.*

3.4 O falar da Azoia, povoação próxima de Cabo da Roca, na província de Estremadura - perto de Sintra

"***tava*** *lá já as criadas*", (...) "as borricêras que viero onte é que **fez** isto" (...) (Marques, 1968:61)

"E então o enxame quando vai a voar pelo ar, o enxame vai aqui, tudo junto, e a mestra vai a guiar como daqui àquela parede (dois metros) e as outras vão todas a perseguir aquela. Ela arriou ao chão, apoisou no chão, as outras **vai** tudo (poisar) em cima dela." (negritos nossos) (Marques, 1968:38)

3.5 O falar de Baleizão, distrito de Beja, região centro-sul.

"D'pôs **veiu** o rei e a raínha" Delgado (1970:224)

3.6 O falar de Monte Gordo, litoral sul de Portugal'

... e c'mós anões **envenênou** o comeri (Ratinho, 1959:240)

... Nosso Senhori os faça **feliz**." (Ratinho, 1959:240)

Entre os registros do quadro 3, destacamos adicionalmente dois pontos de capital importância para nosso garimpo, que já se iniciara no Brasil com dados do português arcaico (cf. Mattos e Silva, 1991; Naro & Scherre, 1999):

1. O uso da palavra freqüentemente no texto de Cruz (1991) para se referir aos casos de concordância variável em que o sujeito ocorre à direita do verbo, e o uso da expressão por vezes para se referir aos casos em que o sujeito ocorre à esquerda do verbo, que apontam para a hipótese de ser a posição relativa também uma restrição importante para o entendimento da variação da concordância de número no PE;

2. O uso da expressão casos gerais do texto de Mira (1954), para se referir aos casos de verbos de terceira pessoa "*eles oube(m), eles sacode(m)*", que sugere que a oposição da saliência fônica também possa ser um efeito relevante no entendimento da variação no PE. São estes precisamente os casos que Naro & Lemle (1977) e Naro (1981) classificam como de menor saliência fônica e são os que mais favorecem a variante zero

de plural no PB.

Finalmente, uma pá de cal sobre a suposta origem crioula para a concordância variável de número no PB tem seu respaldo nas palavras de Lapa (1991:157-169). Em *A estilística da língua portuguesa*, Lapa dedica 13 páginas ao tópico concordância, onde arrola uma série de casos que, segundo ele, são erros, do ponto de vista da gramática. Afirma, todavia, que, do ponto de vista da estilística, são fatos a serem esclarecidos e explicados. Segundo ele, há construções consideradas erradas pela gramática que vêm desde o século XIV (1301-1400). São de Lapa (1991:158-159) as seguintes palavras:

> ... os exemplos da língua antiga autorizam as maiores irregularidades da língua moderna. Qualquer dos exemplos de construção irregular por nós apresentados é verdadeiramente inofensivo, se o compararmos às audácias dos escritores bem vernáculos dos séculos XVI e XVII. Vejam-se apenas estas quatro frases, respectivamente, de Heitor Pinto, João de Barros, Francisco de Morais e Fr. Antônio das Chagas:
>
> 1. A formosura de Páris e Helena *foram* a causa da destruição de Tróia.
> 2. Os povos destas ilhas *é* de cor baça e de cabelo corredio.
> 3. *Foi* D. Duardos e Férida aposentados no aposento que tinha o seu nome.
> 4. Pouco importa que tenha a casa cheia de pérolas e diamantes, se se não aproveita *delas*.
>
> (...) Que havemos de concluir de tudo isto? Que o que hoje se afigura aos olhos do gramático um erro ou uma impropriedade foi largamente empregado pelos nossos melhores escritores clássicos. Camões, em tudo criador e genial, usou largamente de todas estas liberdades de concordância. ...

Divergimos de Rodrigues Lapa em um único ponto: a descrição e explicação dos fenômenos arrolados são do campo da lingüística: há restrições sintáticas, semânticas e discursivas claras que regem a variação da concordância de número, tanto na fala quanto na escrita (cf. Scherre & Naro, 1998b; Naro & Scherre, 1999).

4. Conclusão

Nosso garimpo estrutural localiza no PE as origens de uma série de traços do PB, atribuídos a processos de crioulização, em que o português teria entrado como língua de base, fornecendo a maior parte dos itens lexicais, e diversas línguas africanas teriam entrado como línguas de substrato, fornecendo estruturas gramaticais. Portanto, em função dos fatos aqui apresentados, refutamos a posição de que o PB tem uma história crioula, é um semi-crioulo ou tem subjacente uma leve crioulização (cf. Silva Neto, 1986; Câmara Jr., 1975; Jeroslow, 1975; Guy, 1989; Holm, 1992; Ferreira, 1994; Baxter & Lucchesi, 1997; Baxter, 1998; Mello, 1997). O uso do termo 'crioulização' no Brasil é um equívoco, uma vez que não é possível haver associação do processo com algum grupo étnico particular e não há evidência que indique a existência de um pidgin prévio de base lexical portuguesa, semelhante ao Tok Pisin nos adultos da década de 70 na Nova Guiné (cf. Sankoff & Laberge. 1980:208). Consideramos ainda mais que a idéia de crioulização leve (cf. Baxter & Lucchesi, 1997) ou mesmo a idéia de semi-crioulo (cf. Silva Neto, 1986; Câmara Jr., 1975; Holm, 1992) não acrescenta significado lingüístico algum ao arcabouço teórico da crioulização.

Enfatizamos novamente que, no caso do Brasil, os traços e todas as estruturas presentes no atual estágio do processo histórico de evolução estavam presentes desde o início. A mudança básica foi na tendência geral da freqüência das formas. Na concordância verbal especificamente, as principais restrições variáveis que governam o uso da concordância não mudaram com o passar do tempo; mudou o peso do *input*, ou seja, da freqüência global de uso da variante zero, sem dúvida atualmente muito maior no Brasil (cf. Naro & Scherre, 2000b). Nesse aspecto, o processo é qualitativamente idêntico a uma mudança lingüística natural (Kroch, 1989).

Resta uma última questão, levantada por Mello (1997:41): se as origens vieram do PE, numa deriva românica secular, especialmente com relação aos fenômenos de concordância, por que razão essa deriva não se desenvolveu no PE? Antes de dar a nossa resposta, gostaríamos de enfatizar mais uma vez que ainda são desconhecidas a verdadeira extensão e intensidade da variação na concordância em Portugal. Mas, voltando à pergunta de Mello, sabemos que Sankoff (1980) mostrou que, na Nova Guiné, a nativização do pidgin por uma nova geração de crianças, nascidas em famílias em que os pais falavam o Tok Tisin apenas como pidgin, e não como língua nativa, não causou qualquer reestruturação ou mudanças radicais na gramática das crianças em comparação à gramática de seus pais. Em verdade, segundo Sankoff & Laberge (1980:208), a nova geração de falantes nativos levou "adiante tendências que já estavam presentes na língua". No sentido de "levar adiante tendências que já estavam presentes" – e somente neste sentido –, vemos um paralelo entre as mudanças no PB e o processo de nativização na Nova Guiné. Portanto, o quadro geral que traçamos é mais consistente com o

ponto de vista que se baseia na origem européia, mas também se apóia no efeito catalizador da nativização apontado por Sankoff.

Em síntese, o modelo que assumimos para dar conta da mudança que ocorreu no PB é o da confluência de motivações, sem crioulização prévia. Nossa conclusão é que o português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes.

Referências

Alves, Joana Lopes. 1993. A linguagem dos pescadores de Ericeira. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa.

Baptista, Cândida da Saudade Costa. 1967. *O falar de Escusa*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica.

Baxter, Alan N. 1998. Morfossintaxe. In: Perl, Mattias e Schwegler, Armim. (eds.) América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas. Lengua y Sociedad en el Mundo Hispánico. pp. 97-137.

Baxter, Alan N. & Dante Lucchesi. 1997. A relevância dos processo de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários*, 19:65-84. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 1985. *The urbanization of rural dialect speakers - A sociolinguistic study in Brazil*. New York, Cambridge University Press.

Callou, Dinah Maria Isensee. 1998. Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. Große, Sybille & Klaus Zimmermann (eds.) *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. pp. 255-272. Frankfurt am Main: TFM.

Câmara Jr., J. Mattoso. 1975. *Dispersos.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

Coelho, Adolfo F. 1967. Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Academia Internacional de Cultura Portuguesa. pp. 1-234.

Cruz, Maria Luisa Segura da. 1991. *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Barbosa & Xavier, Limitada. Série: Linguistica - 16.

Delgado, Maria Carolina Saramaga. 1970. *O falar de Baleizão*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica.

Detoni, Rachel do Valle. 2000. *A realização morfológica do gênero no dialeto da baixada cuiabana: criolização ou arcaísmo?* Projeto de Tese de Doutorado. Minas Gerais, UFMG.

Ferreira, Carlota da Silveira. 1994. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. *Diversidade do português do Brasil – Estudos da dialetologia rural e outros*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, pp. 21-32.

Gomes, Christina Abreu. 1999. Directionality in linguistic change and acquisition. 1999. *Language Variation and Change*, 11(2):213-230.

Guy, Gregory R. 1989. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. *Estudios sobre Español de América y Lingüistica Afroamericana,* pp. 226-244. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo.

Holm, John. 1992. Vernacular Brazilian Portuguese: a semi-creole. *Actas do Colóquio sobre "crioulos de base lexical portuguesa",* d'Andrade, E. & A. Kihm (eds.), pp. 37-66. Lisboa, Colibri.

Isensee, Dinah Maria. 1964. *O falar de Mato Grosso (Bahia): fonêmica – aspectos da morfo-sintaxe e do léxico*. Brasília, Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado, inédito.

Jeroslow, Elizabeth Helen McKinney. 1975. Creole characteristics in rural Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada em The International Conference on Pidgins and Creoles. University of Hawaii.

Kroch, Anthony S. 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, **1**:199-244, Cambridge University Press.

Lapa, Manuel Rodrigues. 1991. 3 ed. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes.

Marques, Maria Casimira Almeida. 1968. *O falar da AZOIA*. Dissertação em Licenciatura em Filologia Românica. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, inédito.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1991. Caminhos de mudança sintático-semântica no português arcaico. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, UNICAMP, 20:59-74.

Mello, Heliana Ribeiro de. 1997. *The genesis and development of vernacular Portuguese*. Ph.D. Dissertation. City University of New York, inédito.

Mira, Maria Helena Farmhouse da Graça. 1954. Algumas contribuições para um estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa. Lisboa. Dissertação em Filologia Românica. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, inédito.

Naro, Anthony J. 1981. The social and structural dimensions of a syntactic change. Language. 57:63-98.

Naro, Anthony J. & Lemle, Miriam. 1977. Syntactic diffusion. *Ciência e cultura*, 29(3):259-268.

Naro, Anthony J. & Maria Marta Pereira Scherre. 1993. Sobre as origens do português popular do Brasil. DELTA. São Paulo, Educ, 9:437-454.

______. 1999. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL. pp.26-37.

______. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWhorter. John. (ed.) *Language change and language contact in pidgins and creoles*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, 2000. pp.235-255.

Ratinho, Maria Filipe Mariano. 1959. *Monte Gordo – Estudo etnográfico e linguístico*. Dissertação para Licenciatura em Filologia Românica. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, inédito.

Sankoff, Gillian. 1980. *The social life of language.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Sankoff, Gillian and Laberge, Suzanne. 1980. The acquisition of native speakers by a language. In: Sankoff, Gillian. *The Social Life of Language.* Philadelphia, University of Pennsylvania Press. pp. 195-209.

Scherre, Maria Marta Pereira. 1994. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

Scherre, Maria Marta Pereira & Naro, Anthony J. 1991. Marking in discourse: birds of a feather. *Language Variation and Change* 3:23-32. Cambridge University Press.

______. 1998a. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica*.(Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 5:509-523.

______. 1998b. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum lingüístico*, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Lingüística, Florianópolis, Imprensa Universitária. **1**:45-71.

Silva, Giselle M. de Oliveira e & Scherre, Maria Marta Pereira. 1996. (Org.) Padrões sociolingüísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

Silva Neto, Serafim da. 1986. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença.

Tarallo, Fernando. 1983. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: Roberts, I. & Kato, Mary A (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp. pp. 35-68.